

ANÁLISE MORFOLÓGICA DO SUFIXO -INHO E SUAS IMPLICAÇÕES NO TEXTO

Heloísa da Costa MIRANDA
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Luiza Guimarães LANES
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

RESUMO: *O objetivo geral deste capítulo é promover um diálogo entre a Linguística de Texto e a Morfologia, de forma a explicitar as vantagens que tal interface pode trazer para o ensino. Para este fim, apresentaremos algumas contribuições da Linguística de Texto que apontam para uma visão reflexiva da língua, a partir de um viés sociointeracionista (MARCUSCHI, 2008; KOCH; ELLAS, 2006). Em seguida, no campo da Morfologia (BASÍLIO, 2011; GONÇALVES, 2011, 2016, 2019), trataremos da questão do grau, já que o diminutivo será o expediente morfológico a ser analisado. Nesse sentido, partiremos do gênero textual artigo de divulgação científica, destinado ao público infantil, ou seja, investigaremos o emprego do diminutivo nesse gênero. Como objetivo específico, pretendemos verificar de que modo o plano morfológico integra-se aos propósitos comunicativos do gênero em questão. Metodologicamente, é uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa que será seguida de uma análise de corpus, a saber: o artigo intitulado “Por que os lagartos tomam sol?”, retirado da revista impressa Ciência Hoje das Crianças. O resultado da análise indica que o formativo que expressa o significado gradação foi utilizado com finalidades expressivas, contribuindo para a construção de sentido no nível textual e ratificando estudos já realizados sobre essa questão. Tais fatos demonstram a eficácia do estudo de processos morfológicos em uma perspectiva reflexiva e discursiva e, simultaneamente, ilustram como esse elo entre a Linguística de Texto e a Morfologia contribui para o ensino de Língua Materna.*

PALAVRAS-CHAVE: *Linguística de Texto, Gênero Textual, Morfologia, Grau, Ensino.*

INTRODUÇÃO

Tomando por base estudiosos brasileiros, como Ingedore Grünfeld Villaça Koch, Luiz Antônio Marcuschi, Leonor Lopes Fávero, entre outros, divulgadores dos postulados da Linguística de Texto (doravante LT) no Brasil, iniciamos este capítulo com o objetivo de fazer coro às várias vozes que têm contribuído para um ensino reflexivo da língua. Essa proposta ganhou ainda mais expressão, na década de 90, a partir de “documentos parametrizadores do ensino de Língua Portuguesa [...], influencia[dos] pelas teorias linguísticas textuais e enunciativas”, conforme Bezerra e Reinaldo (2013, p. 14-15).

Nesse contexto, ancoradas em uma abordagem sociocognitiva e interacional da linguagem que concebe o texto como um “evento que ocorre na forma de linguagem inserida em contextos comunicativos” (MARCUSCHI, 2008, p. 75), inserimos nossa proposta de trabalho. Desse modo, intencionamos analisar um texto representante do gênero Artigo de Divulgação Científica para Crianças, intitulado “Por que os lagartos tomam sol?”, retirado da revista impressa Ciência Hoje das crianças Ano 18/ N° 155, março de 2005, cujo tema trata da importância da temperatura para o funcionamento do corpo dos répteis.

Com esse objetivo, partimos do princípio de que as unidades linguísticas não devem

Análise morfológica do sufixo -inho e suas implicações no texto

ser analisadas fora de seu contexto de uso, uma vez que as escolhas feitas implicam abandono de outras e dependem da intencionalidade do produtor do texto, conforme sinalizam Santos, Riche e Teixeira (2012). Nessa perspectiva, pretendemos verificar o emprego do grau diminutivo no texto “Por que os lagartos tomam sol?” e sua importância para o projeto de dizer do enunciador. A fim de embasar tal análise, invocamos os estudos da Morfologia, com o respaldo de pesquisadores como Basílio (1987, 2011), Gonçalves (2011, 2016, 2019), Vivas e Morais (2021), visando a uma articulação entre Morfologia e análise textual.

Além disso, como analisaremos o uso do diminutivo no texto citado, refletiremos sobre o comportamento do grau (sobretudo o grau diminutivo) no português, mais especificamente as formas sintéticas (construções base + afixo, como “quentinho”, “geladinha”, “ratinho”). Desse modo, a partir de um panorama dos aspectos semântico-funcionais dessas construções morfológicas, esperamos, em conjunto, contribuir com a disseminação de saberes científicos relacionados ao tema. Além disso, destinamos essas discussões não apenas ao público em geral, mas também a um público específico, como educadores e estudantes da área.

Para atingir esses objetivos, organizamos nosso texto do seguinte modo: após esta introdução, apresentamos a seção Texto, gênero e ensino: contribuições da Linguística de Texto; em seguida, a seção Aspectos semântico-funcionais do grau diminutivo; na sequência, Proposta de análise integrada: Linguística de Texto e Morfologia; por último, as considerações finais e as referências. Em resumo, este trabalho será dividido em dois momentos: de início, faremos uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo e, em seguida, uma análise de corpus, no caso, o artigo de divulgação científica “Por que os lagartos tomam sol?”.

TEXTO, GÊNERO E ENSINO: CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA DE TEXTO

Uma das principais contribuições da LT para o ensino de Língua Portuguesa é a priorização do desenvolvimento da competência comunicativa/discursiva dos alunos (SANTOS; TEIXEIRA, 2017). Com este objetivo, a visão sociointeracionista da LT, bem como o estudo de outras áreas teóricas, por exemplo, a Análise do Discurso, entre outros, trouxe para o centro das discussões o texto como unidade de ensino. Tais noções influenciaram decisivamente as concepções e as propostas adotadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN-LP), publicados na década de 1990.

Importa dizer que essas ideias surgem a partir dos anos 70 do século XX em um contexto no qual o “ensino de gramática tradicional é questionado” (BEZERRA; REINALDO, 2013, p. 15). Nesse sentido, diversos autores, entre eles, Geraldí (2011[1984]), refletiram sobre a eficácia de um ensino de Língua Portuguesa centrado apenas em nomenclatura e classificação gramatical. Assim, a mudança de prática do paradigma tradicional passa a dar espaço para uma concepção de ensino baseada no uso-reflexão-uso, buscando-se uma interação entre leitura, produção textual e análise linguística, conforme preconizado pelos PCN. De acordo com Santos, Cuba Riche e Teixeira (2012, p. 13), em um ensino de língua reflexivo, não é possível dissociar esses três elementos,

afinal, não basta ensinar os alunos a identificar determinado elemento do texto (substantivo, adjetivo, verbo etc.), mas é importante, também, levá-los a perceber como esses elementos funcionam, quais as intencionalidades por detrás de seu uso, de que forma cooperam para promover o encadeamento ou a progressão textual.

O ensino de português baseado no modelo tradicional não se mostrou muito eficaz, principalmente, quando levamos em consideração os resultados avaliativos de Língua Portuguesa em níveis nacionais. Na atualidade, é consenso que a formação do educando vai muito além da memorização de regras, repetição de modelos, identificação ou classificação de classes gramaticais. Nesse sentido, Pauluikonis (2013[2007], p. 242), salienta que “muito mais do que colecionar informações, o aluno atualmente deve saber relacioná-las e tirar conclusões a partir delas e, para isso, o texto mostra-se imprescindível”.

A LT defende três importantes noções que podem servir como elementos balizadores para o ensino/aprendizagem, são eles: língua, texto e gênero. Conforme Marcuschi (2010), a língua é vista como atividade social, histórica e cognitiva. Isso implica dizer que a língua não representa uma relação direta ou especular com as coisas do mundo ou independe das práticas sociais nas quais estão inseridos sujeitos sociocognitivos (MONDADA, DUBOIS, 2003). Nessa perspectiva dialógica de língua, o texto passa a ser considerado o próprio espaço de interação, e “o foco da análise, por sua vez, precisou passar pelos atores sociais e pelas situações de interação” (GOMES-SANTOS et al., 2010, p.319).

Nessa concepção interacional da língua, tanto o autor do texto como o leitor são vistos como construtores/atores sociais, os quais interagem entre si numa atividade colaborativa de construção de sentido. Desse modo, o texto é o lugar onde esses sujeitos se constroem e são construídos. Nessa interação escritor-leitor, são consideradas “as intenções daquele que faz uso da língua para atingir seu intento sem, contudo, ignorar que o leitor com seus conhecimentos é parte constitutiva desse processo” (KOCH;ELIAS, 2012[2009], p. 34)

Intrinsecamente relacionado a esses aspectos e de fundamental importância para o tratamento da língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, os gêneros textuais (orais e escritos) são concebidos como “padrões sociocomunicativos que se manifestam por meio de textos de acordo com necessidades enunciativas específicas. Trata-se de artefatos constituídos sociocognitivamente para atender aos objetivos de situações sociais diversas” (CAVALCANTE, 2012, p. 44).

Tais concepções viabilizam um ensino muito mais produtivo da língua, uma vez que o educando é levado a refletir sobre o funcionamento da linguagem, por meio dos mais diversos gêneros textuais. Assim, de acordo com Lopes-Rossi (2011, p. 71), em sala de aula, por exemplo, atividades de leitura de rótulos, de bulas de remédio, de propagandas, de manuais de instrução etc.

devem levar os alunos a perceber que a composição do gênero - em todos os seus aspectos verbais e não verbais, nas informações que apresenta ou omite, no destaque que dá a algumas, mais do que a outras - é planejada de acordo com sua função social e seus propósitos comunicativos.

Ainda, segundo Lopes-Rossi (2011), o trabalho com os gêneros textuais permite que o aluno perceba melhor a relação dinâmica entre os sujeitos e a linguagem e desenvolve sua autonomia em consequência do domínio do uso da língua nas diferentes práticas sociais.

Nessa perspectiva, Bentes (2011), ao elaborar materiais didáticos para educação de jovens e adultos, priorizou o trabalho com gêneros textuais. Uma das principais preocupações da autora foi não utilizar tópicos de gramática descontextualizados. Desse modo, os recursos linguísticos deveriam ser explorados a partir de uma percepção global de construção de sentido do texto em estudo. Sendo assim, na seção Explorando o universo textual, a autora destacou os seguintes objetivos que nortearam as análises desenvolvidas (BENTES, 2011, p. 97):

Análise morfológica do sufixo -inho e suas implicações no texto

- (a) promover um tipo de leitura do texto principal que mostrasse como os recursos linguísticos, textuais e discursivos estão a serviço do intuito discursivo (projeto de dizer) do locutor do texto;
- (b) desenvolver no aluno uma consciência sobre a íntima relação entre as significações produzidas no/pelo texto e as formas linguísticas mobilizadas;
- (c) promover uma compreensão do estilo e dos temas (conteúdos e apreciação valorativa do locutor) do gênero textual trabalhado;
- (d) promover uma compreensão da estruturação do gênero em questão.

Seguindo essa ótica, Vivas e Morais (2021), a partir da análise de um texto representante do gênero textual editorial, procuraram demonstrar como as escolhas linguísticas (nominalizações) evidenciam o projeto de dizer do locutor do texto. Nesse sentido, articulando o plano morfológico e o plano textual, chegaram à conclusão de que o emprego de estratégias morfológicas está estreitamente relacionado às motivações textuais/discursivas do gênero que analisaram. Além disso, os autores salientam que tal análise é uma forma concreta de levar o educando a refletir sobre a função e o manejo de recursos linguísticos empregados em situações concretas de uso da língua.

Corroborando as reflexões referidas, Santos e Teixeira (2017), baseadas em conceitos da LT, destacam a importância de um trabalho que integre leitura/escuta de textos, produção textual e análise linguística. Assim, para as autoras, em um ensino reflexivo de língua, é preciso considerar os saberes mobilizados no interior do evento comunicativo, isso porque, na atividade de produção de sentidos do texto, são acionados conhecimentos linguísticos, cognitivos, sociais e interacionais (KOCH; ELIAS, 2006). Em outras palavras, segundo Santos, Cuba Riche e Teixeira (2012, p. 41), isso significa “trazer a experiência de mundo para o texto lido, fazendo com que as palavras tenham um significado que vai além do que está sendo falado/escrito, por passarem a fazer parte, também, da experiência do leitor”. Desse modo, aspectos como condições de produção do texto, público alvo, suporte, finalidade ou intenção do autor, função do texto, efeitos de sentido decorrentes das escolhas lexicais constituem elementos chaves para o desenvolvimento de práticas de leitura/produção textual.

Portanto, reiteramos que, na perspectiva do processo ensino/aprendizagem, a abordagem textual é imprescindível, pois “todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua, que se efetiva através de enunciados (orais e escritos)” (MARCUSCHI, 2008, p. 155). Por outro lado, a experiência tradicional não garantiu que educandos se tornassem eficazes comunicativamente. Sobre isso, Antunes (2007, p. 53) destaca que “o conhecimento da gramática [não] é suficiente para se conseguir ler e escrever com sucesso os mais diferentes gêneros de texto, conforme as exigências da escrita formal e socialmente prestigiada”.

Por fim, uma consequência importante dessa visão sociointeracionista de linguagem, para além de desenvolver a competência comunicativa dos discentes, tal como defendido pela LT, é torná-los protagonistas do seu próprio aprendizado. Isso porque, por observarem o funcionamento da linguagem nas diferentes práticas sociais, adquirem mais autonomia no manuseio da língua e domínio de estratégias específicas de produção de sentido.

ASPECTOS SEMÂNTICO-FUNCIONAIS DO GRAU DIMINUTIVO

Nesta seção, destinada à Morfologia, discutiremos alguns aspectos semântico-funcionais relacionados ao grau, mais especificamente às formas sintéticas (construções

base + afixo, como “quentinho”, “geladinho”, “ratinho”). Nesse sentido, buscamos verificar como essas marcas morfológicas podem estar associadas às intencionalidades e aos propósitos comunicativos do enunciador em contextos sociointeracionais. Para a realização dessa análise morfológica, utilizamos como base teórica as importantes contribuições de pesquisadores como Basílio (1987, 2011) e Gonçalves (2011, 2013[2007], 2016, 2019).

Considerando a tradição gramatical, Gonçalves (2013[2007], p. 150) destaca que, com relação aos afixos de grau, as gramáticas normativas têm se preocupado mais em listá-los, “não indo além de uma classificação estrutural que distingue as formas sintéticas [...] das analíticas”. Segundo o autor, algumas preveem casos de afixos dimensivos que não necessariamente expressam tamanho, porém não dão maiores informações sobre os principais usos dessas marcas morfológicas.

Além disso, no ensino de Língua Portuguesa, ainda sujeito ao estudo de componentes linguísticos desvinculados das condições de produção do texto ou das intenções comunicativas dos usuários da língua, raramente é contemplada a relação entre Morfologia e texto. Segundo Souza e Gonçalves (2017, p. 161), “o ensino de Morfologia nas escolas acaba se voltando exclusivamente para o que acontece dentro da própria Morfologia, sem relação com (a) o uso real da língua e (b) sua verdadeira motivação no nível do texto”.

É comum também o uso do texto meramente como pretexto para localização, identificação ou classificação de algum elemento morfológico. Na perspectiva de ensino aqui defendida, acreditamos que essa prática não contribui para que o discente perceba os efeitos de sentido pretendidos pelo autor do texto, até porque a neutralidade da língua é um mito, posição defendida por vários autores.

Sob outro enfoque, Gonçalves (2013[2007], p. 149) salienta que “a gradação é uma categoria semântica que se presta à indicação de atitudes subjetivas do falante em relação ao enunciado ou a alguma de suas partes”. Nesse sentido, podemos dizer que, devido ao seu papel discursivo, demonstra uma estreita relação entre a Morfologia e a Linguística de Texto. Segundo o autor (id., p. 149), a gradação “está diretamente vinculada à perspectiva do emissor que, ao intensificar ou dimensionar, orienta seu interlocutor para juízos de valor a respeito de algo ou alguém”. Por isso, destacamos a importância de uma análise morfológica, considerando o funcionamento das marcas de grau no texto.

Na esteira de Basílio (1987), Gonçalves (2019) destaca cinco motivações ou funções, para criação ou utilização de uma palavra morfológicamente complexa: (i) função de rotulação (motivada pela necessidade do falante de efetuar novas denominações), (ii) função de mudança categorial (corresponde à necessidade de mudança de classe), (iii) função textual (motivada por questões discursivas), (iv) função atitudinal (determinada pelo interesse do emissor de expressar seu ponto de vista), e (v) função indexical (motivada pelo perfil sociolinguístico do falante). Para os objetivos de nossa análise, a função atitudinal é a que melhor representa a motivação para escolha de construções morfológicas como as que serão analisadas no texto “Por que os lagartos tomam sol?”, na seção subsequente. No entanto, como lembra Gonçalves (2016, p.18), “todo processo de formação de palavras apresenta uma ou mais funções, que pode ser de natureza semântica, sintática ou discursiva”.

Nessa perspectiva, analisando a expressão de grau, podemos tecer aspectos interessantes relacionados ao seu comportamento. O contexto sintático não determina o seu uso, como aponta Gonçalves (2011, p. 15, grifo do autor) no exemplo: “Depois tomamos chá numa linda xicrinha branca de porcelana”. Sobre isso, o autor salienta que o sufixo “-inho de diminutivo só é veiculado no próprio substantivo, sendo opcional nos termos a ele subordinado, [...] uma vez que não constitui informação acessível à sintaxe ou por ela manipulada” (id., p. 15).

Análise morfológica do sufixo -inho e suas implicações no texto

Além disso, os sufixos de grau, de acordo com Gonçalves (2019, p. 100), “podem se manifestar morfológica ou sintaticamente, o que corresponde, respectivamente, ao que as gramáticas normativas chamam de grau sintético e analítico”. Ou seja, o conteúdo veiculado por eles pode se materializar de outras formas, o que evidencia a opcionalidade da afixação, como podemos observar, no exemplo abaixo, retirado de Gonçalves (2019, p. 100). Pelo exposto, podemos inferir que a concorrência de estratégias diferentes, para expressar o conteúdo que se pretende, pode estar relacionada às intenções comunicativas do falante, revelando sua subjetividade, por meio de suas escolhas.

Aumentativo: copão > copo imenso > senhor copo > grande copo
Diminutivo: tigelinha > pequena tigela > tigela de proporção diminuta
Intensivo: estudiosíssimo > muito estudioso > estudioso pacas

Outro comportamento observável dos afixos de grau é a formação de estruturas paradigmáticas regulares e sistemáticas, uma vez que o sufixo – (z) inho pode ser adjungido a praticamente todos os nomes da língua (GONÇALVES, 2013[2007]). Desse modo, utilizando os exemplos de Gonçalves (2011, p. 29), é possível afixar – inho a pronomes (“euzinho”, “elazinha”, “vocêzinho”), advérbios (“pertinho”, “devagarinho”, “nunquinha”), numerais (“cenzinho”, “duzentinho”, “trezinho”) e até a interjeições (“até loguinho”, “tchauzinho”, “adeusinho”). Para Gonçalves (2019), a produtividade dessa marca morfológica está relacionada a valores afetivos. Além do mais, o acréscimo desses sufixos não altera a categoria lexical da base. Sendo assim, não há mudança de classe, por exemplo, em “até loguinho”, “euzinho”, “pertinho”, que continuam a ser classificados, respectivamente, como interjeição, pronome e advérbio.

O emprego de afixos de grau também pode extrapolar seu significado tradicional, previsível. Essa fuga ao padrão pode levar a opacificação de sentido dos sufixos aumentativos e diminutivos, “uma vez que não manifestam a ideia de tamanho nem são utilizados com finalidades expressivas” (GONÇALVES, 2011, p. 42). Tal fato pode ser observado no uso do termo “calcinha” que não expressa necessariamente dimensão, mas uma peça de roupa íntima feminina. Esse fenômeno normalmente é chamado de lexicalização semântica “que faz com que um vocábulo aparentemente complexo seja analisado no todo, sem referência às partes constitutivas” (id. p, 42). Destacamos, a seguir, alguns exemplos de diminutivos e aumentativos lexicalizados, retirados de Gonçalves (2013[2007], p. 162), empregados em sentido figurado via metáfora ou metonímia:

coxinha (“salgado”)	bolão (“aposta”)
folhinha (“calendário”)	sapatão (“lésbica”)
beijinho (“doce”)	pescoção (“tapa”)

No caso dos afixos de grau dimensivo, os sufixos -inho e -ão podem aparecer juntos na mesma estrutura da palavra sem, contudo, expressarem significados antagônicos. A título de exemplo, podemos encontrar, na língua, construções do tipo “roupãozinho”, “caminhãozinho”, “cartãozinho”, retirados de Gonçalves (2011, p. 60). Em “cartãozinho”, o primeiro afixo não expressa aumento como “cartão grande”, conforme o significado previsível. Nesses casos, ocorre opacificação de sentido, em proveito da rotulação. Consequentemente, o acréscimo do sufixo -inho, indicando pequenez, não acarreta

incompatibilidade semântica. Ademais, segundo Gonçalves (2019, p. 106), casos, como “livrãozinho” e “vidinhazinha”, não nos causam estranhamento dois afixos de mesmo valor semântico juntos. Normalmente, são empregados dessa forma, por uma questão de realce, exagero, demonstrando a avaliação subjetiva do falante.

Do ponto de vista semântico, os afixos derivacionais podem apresentar diferentes significados a depender do contexto, da interação linguística, dos interesses do emissor. Nesse sentido, seu emprego não se restringe apenas às noções de aumento (-ão) e diminuição (-inho), como tem demonstrado a tradição gramatical por meio de listas com afixos dimensivos. Pelo contrário, esses sufixos podem apresentar vários usos e função, como nos mostra Gonçalves (2013[2007], p. 159, grifos do autor)

Construções como “livreco” e “timinho” revelam intenções depreciativa do falante e a ideia de dimensão não se manifesta em nenhuma das duas formas. Avaliações positivas também podem ser encontradas nas operações morfológicas de grau. O significado “grande” está longe de ser atualizado em formas como “carrão”, “casarão”, “mulheraço” e “classudo”. Nesses exemplos, impressões subjetivas do falante levam a rotular algo ou alguém a partir de atributos como conforto, beleza e qualidade.

Por fim, destacamos também a função indexical utilizada como estratégia de sinalização do perfil sociolinguístico do falante. Alguns processos de formação de palavras apresentam essa função, como observado, no exemplo extraído de Gonçalves (2019, p. 150), “superlativos X-érrimo e X-ésimo, como ‘chiquérrimo’ e ‘elegantésimo’, normalmente, associados à fala feminina e à fala gay estereotipada. Além de outros processos, como diminutivos ternurentos ou diminutiva puerilidade “beicinho”, “cansadinho”, “soninho” que são identificados frequentemente na fala infantil e na fala feminina (GONÇALVES, 2016, p. 27).

Em resumo, podemos observar que os afixos de grau estão sujeitos a motivações subjetivas que tendem a atuar na interface Morfologia e Linguística Textual. O significado de -inho é, de modo pleno, determinado sociointeracionalmente. Por isso, dependem de vários fatores como: “(a) o nível de envolvimento entre falante e ouvinte; (b) os propósitos comunicativos do emissor diante da audiência e (c) o grau de formalidade do discurso” (GONÇALVES, 2013[2007], p. 160). À vista disso, a análise de afixos dimensivos, no âmbito do texto, pode revelar matizes expressivas, uma vez que a construção morfológica, por si só, não garante a total veiculação de significado pretendido pelo falante-emissor. Por esse ângulo, na seção a seguir, observaremos o emprego do sufixo -inho e seus aspectos semântico-funcionais no texto “Por que os lagartos tomam sol?”.

PROPOSTA DE ANÁLISE INTEGRADA: LINGUÍSTICA DE TEXTO E MORFOLOGIA

De início, a fim de sustentar a análise, é preciso tecer considerações sobre o gênero textual escolhido. O interesse inicial era trabalhar com o grau diminutivo e, assim, com o olhar inclinado para textos nos quais esse fenômeno fosse mais frequente, chegamos ao artigo de divulgação científica voltado para o público infanto-juvenil. Enfatizamos que a escolha pelo diminutivo e pelo referido gênero estão em diálogo com a proposta deste trabalho, que é estabelecer uma interface entre a LT e a Morfologia, ou seja, “essa escolha metodológica justifica-se pelo objetivo maior do trabalho de realizar uma articulação entre morfologia e texto” (VIVAS e MORAIS, 2021, p. 556). Por isso, examinar a natureza do gênero contribui para a análise, no sentido de trazer à tona motivações para certas escolhas morfológicas que, a princípio, poderiam passar despercebidas.

Análise morfológica do sufixo -inho e suas implicações no texto

Sob esse viés, Giering (2011) destaca os seguintes fins discursivos do artigo de divulgação científica: fazer-saber, fazer-compreender e fazer-criar, que, respectivamente, apresentam, um caráter informativo, explicativo e polêmico. Sendo assim, é possível afirmar que o texto "Por que os lagartos tomam sol?" se encaixa no fim discursivo de fazer-compreender, à medida que extrapola o cunho informativo e se preocupa em explicar, do ponto de vista científico, o motivo que leva os lagartos a tomarem sol. A respeito disso, Giering (2008) realça que esse caráter explicativo é bastante usual em artigos destinados aos leitores mirins, ao passo que aqueles voltados aos adultos costumam pertencer ao fim discursivo fazer-saber e, como tal, informam sobre algo.

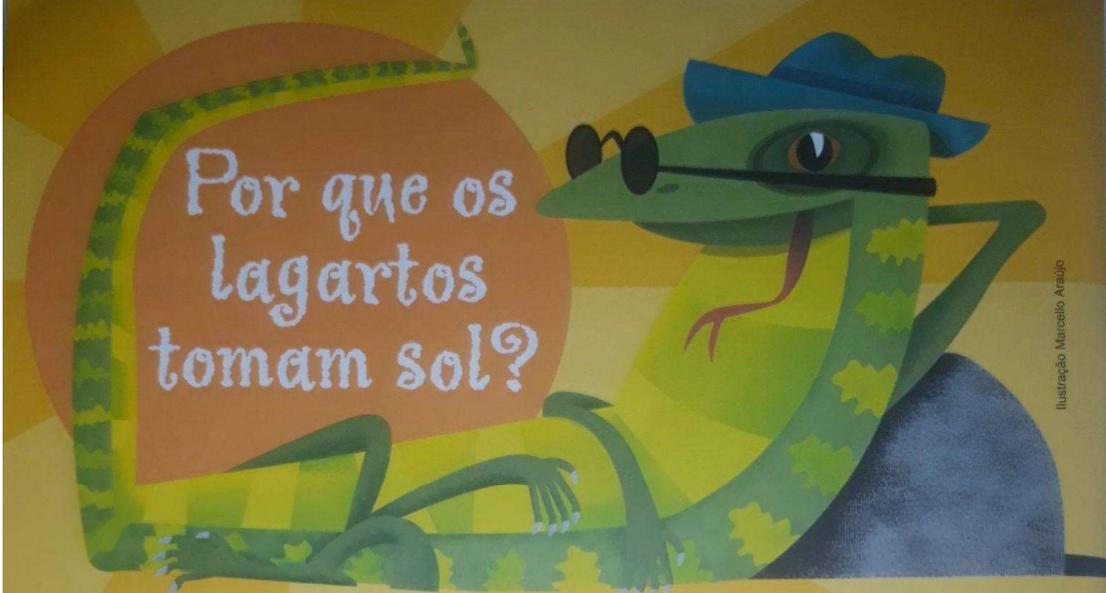
No entanto, a explicação dos artigos de divulgação científica atribuídos às crianças é articulada de maneira estratégica visando ao público para o qual o artigo se destina. Isto é, são empregados termos que dialogam com o grupo pueril e, conseqüentemente, despertam o interesse dessa faixa etária. Quanto a isso, as palavras de Giering (2011, p. 119) são incisivas:

Trata-se de um leitor que está em processo de formação e que não necessariamente se interessa por temas da ciência. É preciso, além de emocioná-lo, sensibilizá-lo para os temas científicos, manter seu interesse até o final do texto por meio de estratégias linguístico-discursivas que considerem seu desenvolvimento intelectual e interesses. A condição de captação, assim, se coloca, não apenas como consequência da lógica comercial dos veículos de comunicação, mas também como necessidade que advém do surgimento de obstáculos que poderiam se impor na leitura dos textos.

Em síntese, Giering (2011) ressalta a importância do papel do interlocutor na construção do gênero. Ora, se a intenção comunicativa é atrair o público infantil, é fundamental ajustar a macro-organização do texto para não perder de vista os objetivos do gênero, como esclarece Giering (2011).

Almejando uma sistematização de aspectos que auxiliam a caracterização do gênero em debate, Giering (2011, p. 122) aponta que "o domínio midiático da divulgação científica, as expectativas sobre o público leitor infantil, o suporte midiático (a revista impressa), a finalidade discursiva são elementos externos que determinam escolhas do produtor para a configuração da textualidade do artigo." Ou seja, o fim discursivo e o interlocutor não são os únicos pontos que devem ser considerados na construção do Artigo de Divulgação Científica para Crianças.

À luz desses esclarecimentos, evidenciamos que o grau diminutivo, no texto em estudo, é um expediente morfológico cujo emprego objetiva dialogar com as crianças. A título de visualização, segue o texto "Por que os lagartos tomam sol?", objeto de análise deste artigo:



Por que os lagartos tomam sol?

Eles, em geral, têm cara de zangados e ficam bem escondidos. Mas, com sorte, conseguimos vê-los esticados em algum lugar quentinho. Afinal, os lagartos adoram tomar sol, e por uma razão muito simples: eles não são capazes de aquecer seus corpos sozinhos, sem a ajuda do ambiente externo. Se você pudesse medir a temperatura de um lagarto com um termômetro, descobriria que a maior parte do tempo ela é muito parecida com a do ambiente onde ele está. Como as temperaturas mais altas facilitam o funcionamento do corpo desses répteis, eles escolhem ficar em locais onde possam aquecer-se para correr, comer e até fugir de quem vier disposto a devorá-los.

Isso é bem diferente de nós, que mantemos a nossa temperatura independentemente do meio. Mesmo que esfrie ou es quente muito, nosso corpo manterá sua temperatura em torno dos 37°C. Se a temperatura variar muito, é sinal de que tem alguma coisa errada. Quando ficamos gripados, por exemplo, é comum termos febre, não é?

Não são apenas os lagartos que têm a temperatura do corpo tão inconstante! Outros répteis, como os jacarés, as tartarugas e as cobras; os anfíbios, como o sapo e a perereca; e os peixes também variam a temperatura do corpo conforme o ambiente. Aliás, nós, humanos, é que somos minoria. Se prestarmos atenção, veremos que a maioria dos animais é como os lagartos: aranhas, caranguejos, minhocas, insetos pequenos e grandes, como libélulas e besouros, às vezes, tomam sol antes de saírem para o almoço!

Mas não pense que isso é uma desvantagem para eles! O fato de não controlarem a temperatura pode ser útil em muitas ocasiões. Os lagartos, por exemplo, precisam comer bem menos que um ratinho do mesmo tamanho, pois, com a temperatura reduzida, eles aproveitam muito melhor a comida. Por quê? Bem, quando a temperatura baixa, tudo no corpo dos répteis acontece mais devagar e, portanto, a comida passa lentamente pelo corpo deles e as transformações químicas que ela sofre também são mais lentas. O resultado é um serviço caprichado de digestão da comida, pois o aproveitamento dela depende do tempo em que ela fica nos órgãos digestivos. É por isso que os lagartos podem passar muitos dias digerindo sua comida, em vez de ficar procurando novo alimento todos os dias. Aliás, quando falta comida, os lagartos simplesmente param de comer e poupam energia procurando uma toca mais geladinha para um longo sono. Como eles aproveitam muito bem tudo o que comem, podem passar um tempo muito maior do que nós sem comer. Além disso, quando a temperatura é mais baixa e eles estão quietinhos, eles gastam muito menos energia, e por isso quase não precisam comer. Existem lagartos que passam mais de três meses sem pôr nada na boca! Só acordam quando a barriga volta a roncar, para se fartarem num banquete!

Além disso, eles conseguem viver muito bem em ambientes que são frios ou quentes demais para um pássaro ou um macaco. Em desertos, por exemplo, existem muito mais espécies de lagartos, sapos, cobras e insetos do que de aves e mamíferos.

Por isso, da próxima vez em que vir um lagarto tomando sol, não fique com medo e nem o espante. Ele está só se preparando para um novo dia!

Felipe Bandoni de Oliveira,
Instituto de Biociências,
Universidade de São Paulo.

Ilustração: Marcello Araújo

28

Antes de discutirmos o emprego estratégico do diminutivo, é válido mencionar que optamos por manter o arranjo verbo-visual do texto original — exatamente como aparece na revista *Ciência Hoje das crianças*. Essa preocupação busca resguardar a atmosfera infantil que permeia o texto e que, segundo Giering (2011, p. 120), viabiliza “uma compreensão mais imediata da questão tratada e a captura do interesse do leitor”. Nessa ótica, preservar as ilustrações e as cores que ornamentam o texto é uma maneira de confirmar como esses detalhes auxiliam na inserção desse artigo de divulgação científica no universo infantil.

Análise morfológica do sufixo -inho e suas implicações no texto

No mais, cabe dizer que escolhemos o diminutivo, devido justamente à sua possibilidade de manifestação de conteúdos expressivo-afetivos, o que o torna peça fundamental na construção da argumentatividade em um texto cujo público alvo são crianças. Feitas as devidas ressalvas, o enfoque recairá sobre as motivações que sustentam a formação de palavras em Língua Portuguesa para que, depois, possamos investigar, especificamente, a questão do diminutivo.

De acordo com Basílio (2011), há quatro motivações: a semântica, a sintática/gramatical, a textual e a expressiva. Vivas e Morais (2021, p. 554) esclarecem que a primeira “consiste na utilização de uma palavra por necessidades de nomeação (rotulação) de um referente”. Exemplo disso é a transposição de material semântico de uma classe gramatical para outra, como ocorre com os vocábulos lutar/lutador, que são classificados, nesta ordem, como verbo e substantivo.

Por outro lado, a segunda motivação “se deve a imposições sintáticas ou morfológicas num enunciado” (VIVAS e MORAIS, 2021, p. 554). Basílio (2011, p. 28) exemplifica tal motivação com as seguintes frases: “(3) Clonaram o macaco” e “(5) Todos ficaram preocupados com a clonagem do macaco”. A partir de tais exemplos, Basílio (2011, p.28) atesta que “podemos usar um processo de sufixação para transformar o verbo em substantivo, assim possibilitando o uso do conteúdo verbal num contexto gramatical que só permite substantivos, como em (5)”. Na sequência, a motivação textual está associada à retomada de informação que implica, conseqüentemente, a progressão textual. Para finalizar, a motivação expressiva transcende os motivos supracitados e sinaliza a subjetividade do emissor, que pode ser materializada por meio de um posicionamento positivo ou negativo.

Nessa linha de raciocínio, Gonçalves (2016) evoca outras terminologias: função de rotulação, função de alteração categorial, função textual e função atitudinal. Mesmo que os nomes sejam diferentes, estão em concordância com as quatro motivações de Basílio (2011), de modo que a primeira função diz respeito à motivação semântica; a segunda à motivação sintática/gramatical; e, por fim, a função atitudinal associa-se à motivação expressiva. No tocante a essa última terminologia empregada por Gonçalves (2016) — atitudinal —, é pertinente notar, em conformidade com Gonçalves (2019), que a gradação afixal é um mecanismo recorrente para exemplificá-la. Além disso, nesta obra referida, o autor, ainda, aponta uma última motivação para utilização e criação de construções morfológicas: a função indexical. Esta estratégia pode revelar o perfil sociolinguístico do usuário, em construções, por exemplo, como X-aço (golaço, cansadaço e afinzaço), normalmente, associadas à fala masculina.

Após tais esclarecimentos, é hora de investigar a motivação expressiva quanto ao uso do grau diminutivo no texto “Por que os lagartos tomam sol?”. Cumpre dizer que analisar o emprego desse expediente morfológico por meio dessa perspectiva se deve à lacuna deixada pela Gramática Tradicional, que, conforme apontado na seção anterior, ainda é muito limitada no que diz respeito à variedade de valores que os afixos dimensionais (-inho e -ão) podem expressar.

Com vistas a preencher tal lacuna da tradição, Gonçalves (2016) mostra diferentes sentidos desencadeados pela utilização do diminutivo, sentidos esses que ultrapassam a noção de tamanho e remetem a valores, como carinho e desprezo. Dada a diversidade das acepções assinaladas pelo autor e, também, a riqueza dos exemplos, é oportuno destacar o trecho no qual o assunto foi levantado:

[...] pode ser a expressão de compaixão (*tadinho*) ou atenuar condições miseráveis, deficiências e males (*aleijadinho*). Por outro lado, pode envolver a manifestação de desprezo (*livreco, velhotê*), a designação de coisas de pouco valor

ou de pouca importância (*namorico*) ou formas de tratamento depreciativo (*gentalha, alcoviteiro*) (GONÇALVES, 2016, p. 24).

Seguindo essa direção, destacamos, em “Por que os lagartos tomam sol?”, quatro ocorrências do grau diminutivo, são elas: *quentinho, ratinho, geladinha e quietinhos*. Em linhas gerais, as palavras escolhidas denotam “manifestação de carinho, ternura, amor, simpatia/empatia” (GONÇALVES, 2016, p. 24) e, por esse motivo, ilustram a motivação expressiva/função atitudinal, tendo em vista que designam atitude, no caso, a ‘atitude’ do autor do artigo em debate.

Ao lado desse ponto em comum, está o padrão morfológico. Todos os termos pertencem ao diminutivo sintético e são exemplos de sufixação, que, nesse caso, foi construída a partir da junção do radical de cada um dos termos (*quent, rat, gelad e quiet*) com o sufixo *-inho*. Interessa realçar que a preferência pelo diminutivo sintético está relacionada à faixa etária para a qual o texto foi escrito, já que é comum, no artigo de divulgação científica para crianças, “o emprego de um léxico e sintaxe coloquiais, mais próximos da variedade linguística utilizada no cotidiano das crianças” (LUPPI, 2007, p. 15). Isso significa dizer que possíveis formas analíticas das palavras *quente, rato, gelada e quieto* não provocariam o mesmo efeito desencadeado pelas formas sintéticas *quentinho, ratinho, geladinha e quietinhos*.

Outro ponto em comum é o fato de três dessas palavras — *quentinho, geladinha e quietinhos* — serem adjetivos. Essa observação demonstra, mais uma vez, o cuidado em utilizar a morfologia a favor da construção do sentido textual e da delimitação do gênero. Isso porque, no artigo de divulgação científica para crianças, os adjetivos funcionam como um recurso produtivo, tendo em vista que a ideia de caracterizar algo é importante para os leitores mirins, ao instigar a imaginação desses indivíduos e facilitar que eles visualizem o que está sendo relatado, ou seja, torna o enredo mais palpável e subjetivo.

Luppi (2007, p. 12) faz menção a essa subjetividade que envolve o gênero em foco, frisando que “o texto de Divulgação Científica para Crianças constitui-se como um interdiscurso construído a partir da incorporação de dois outros discursos: o científico (através dos índices de objetividade) e o jornalístico (através dos índices de subjetividade)”. Inferimos, portanto, que os adjetivos — *quentinho, geladinha e quietinhos* — conferem, dentre outros valores, subjetividade ao texto “Por que os lagartos tomam sol?”.

Voltando, então, à análise como um todo, que inclui, além dos adjetivos mencionados, o substantivo *ratinho*, constatamos que, embora todos esses itens linguísticos tenham a mesma acepção, é relevante examinar como esse indicativo de afetividade se dá com cada vocábulo. O primeiro termo, *quentinho*, inserido no fragmento “Mas, com sorte, conseguimos vê-los esticados em algum lugar *quentinho*” (l. 2-3), atenua a ideia de que a palavra *quente* possa remeter a um ambiente desconfortável de tão abafado e, ao mesmo tempo, imprime a ideia de um local aconchegante.

Embora a análise se volte para o grau diminutivo demarcado pelo sufixo *-inho*, é oportuno observar, na passagem em pauta, a palavra *esticados*, já que essa também ilustra a questão do grau, com a diferença que é o aumentativo. Assim, essa ocorrência sustenta a ideia central deste capítulo, que prega a reiteração do grau como um artifício para atrair o público-alvo. Em relação ao sentido que conferiu ao trecho no qual se insere, o termo *esticados* exprime a noção de relaxamento, explicitando que os répteis se encontram mais que esticados, estão “esparramados” em um local agradável e mais: estão descontraídos, livres de qualquer preocupação. É interessante perceber que o sufixo *-ão*, neste caso, não remete à ideia de aumento, mas prazer, destacando o caráter hedônico do uso desta construção morfológica.

Dando prosseguimento à análise do grau diminutivo, o substantivo *ratinho*, situado no trecho “Os lagartos, por exemplo, precisam comer bem menos que um *ratinho* do

Análise morfológica do sufixo -inho e suas implicações no texto

mesmo tamanho...” (l. 34-36), desconstrói a carga pejorativa atribuída a esse roedor, carga essa que perpassa a noção de sujeira, transmissão de doenças e consequentes riscos à saúde. Ademais, esse expediente morfológico passa a representar um animal inofensivo, que, no contexto, sinaliza até afeto. Isso demonstra que os sentidos não são dados a priori, ou seja, a língua não reflete as coisas do mundo, mas os sentidos são construídos na interação por sujeitos sociocognitivos, conforme mencionado na seção 1 deste capítulo. Porém, há de se observar que o vocábulo *ratinho* se diferencia um pouco dos demais diminutivos. Isso porque, além da noção de ternura, carrega um caráter espacial-dimensivo, explicitado pelo uso da expressão “do mesmo tamanho” que acompanha o termo em debate.

Ainda em relação ao vocábulo *ratinho*, é importante enfatizar que, como o sufixo -inho não expressa, necessariamente, tamanho, o uso de expressões como essa é comum e serve para sinalizar valor dimensivo. Sendo assim, empregar o diminutivo *ratinho* sem a expressão “do mesmo tamanho” iria transmitir, apenas, a ideia de afeto e esse não é o único sentido a ser destacado; o autor quer mostrar, também, que um rato tão pequeno quanto um lagarto vai precisar de mais comida. Observamos, então, dois sentidos: um relacionado à ternura e outro a tamanho. Isso demonstra como as escolhas morfológicas, no texto em análise, estão alinhadas às intenções comunicativas e às características do gênero textual, colaborando para o projeto de dizer do autor do texto e para arquitetura textual.

Em seguida, no excerto “Aliás, quando falta comida, os lagartos simplesmente param de comer e poupam energia procurando uma toca mais geladinha para um longo sono.” (l. 47-50), destaca-se o termo *geladinha*. Aqui, notamos que um possível entendimento relacionado a uma toca muito gelada é descartado e, da mesma forma que ocorreu com o adjetivo *quentinho*, cria-se, também, a noção de uma atmosfera, que apesar de gelada, é aconchegante e prazerosa.

Por último, *quietinhos*, em “Além disso, quando a temperatura é mais baixa e eles estão quietinhos, eles gastam muito menos energia...” (l. 53-55), suaviza a ideia de ausência de movimento, no sentido de essa inércia não ser vista de modo negativo, mas como uma necessidade fisiológica dos répteis. Somado a isso, desenha-se uma cena mais associada à ideia de acolhimento, no sentido de simbolizar que os lagartos, além de quietos, estão em um lugar seguro. Cria-se, na mente do leitor infantil, uma imagem meiga, que cativa esse público.

Em suma, no caso dos diminutivos analisados, caracterizados pelo sufixo -inho, a morfologia não rompe, apenas, com um determinado sentido, mas sim articula um novo que atende às demandas do gênero em destaque. Por essa razão, tais demandas se referem, sobretudo, à necessidade de seduzir as crianças, à importância de não perder de vista o fim discursivo (que, em “Por que os lagartos tomam sol?”, é o de fazer-compreender) e, também, às intencionalidades de quem escreve. Vivas e Morais (2021, p. 552) complementam essa constatação, ratificando que “por esse motivo, a escolha e o uso de um dado gênero estão ancorados no contexto de produção, tendo em vista os propósitos e objetivos dos sujeitos discursivos que interagem na cena enunciativa.” Ora, é nessa cena enunciativa, permeada por expedientes morfológicos concretos e dinâmicos, que emerge a interface entre a Linguística de Texto e a Morfologia, a qual este capítulo buscou evidenciar.

Para finalizar, reforçamos que o diálogo delineado aqui é bastante produtivo para um ensino de Língua Portuguesa alinhado às atuais orientações de documentos norteadores como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Tal elo com o ensino ocorre, pois a interface Linguística de Texto-Morfologia possibilita repensar abordagens que exploram expedientes morfológicos descontextualizados e, simultaneamente, idealizados, quer dizer, aqueles que são pensados

para atender a uma dada regra morfológica, como se a língua coubesse em normas engessadas.

Logo, rompendo com metodologias dessa natureza, abre-se caminho para um ensino integrado entre o texto e os fenômenos morfológicos, de modo a praticar, efetivamente, a análise linguística (GERALDI, 2011[1984]) que, apesar de preconizada, ainda encontra percalços para se enraizar nas salas de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível vislumbrar, de maneira mais clara, o diálogo entre a Linguística Texto e a Morfologia, à medida que a análise feita, ao lado dos pressupostos teóricos, comprova como os expedientes morfológicos — no caso em questão, o diminutivo formado pelo sufixo *-inho* — contribuem para os propósitos comunicativos do artigo de divulgação científica voltado para crianças. A título de lembrança, tais propósitos giram em torno de atrair o referido público por meio de uma linguagem que agrade essa faixa etária, como é o caso do grau diminutivo, que nem sempre sinaliza tamanho e pode indicar ternura, a exemplo das palavras *quentinho*, *ratinho*, *geladinha* e *quietinhos*, que guiaram nossa análise e, no corpus “Por que os lagartos tomam sol?”, apresentam esse cunho afetivo.

Nessa linha de raciocínio, inferimos também que os resultados encontrados podem se estender para outros corpora, tendo em vista que as escolhas morfológicas auxiliam na caracterização dos mais variados gêneros textuais. Além do presente estudo, outros, como o de Vivas e Morais (2021), corroboram essa relação entre morfologia e gênero textual, sendo que, no trabalho citado, essa relação se ancorou em um texto representante do gênero editorial.

Em acréscimo, dialogamos com as diretrizes vigentes que orientam o ensino de Língua Materna, uma vez que partimos de um gênero textual — o artigo de divulgação científica direcionado ao público infanto-juvenil — e procuramos investigar do ponto de vista discursivo algumas construções morfológicas que indicam gradação e o seu papel na construção de sentido e arquitetura textual. Preparamos, assim, um terreno fecundo para práticas de análise linguística, ao passo que os aspectos morfológicos são explorados de maneira contextualizada, com vistas a analisar a sua respectiva funcionalidade para o texto, e não apenas como pretexto para cobrar questões puramente metalinguísticas.

Nesse cenário, buscamos incentivar a confecção de outros trabalhos preocupados, por sua vez, em estabelecer a referida interface, sendo que essa viabilidade potencializa a importância da presente pesquisa. Inclusive, essa possibilidade para estudos futuros, além de se desdobrar em propostas didáticas, pode se materializar, por intermédio de adaptações metodológicas, como, por exemplo, mudança no gênero textual e no expediente morfológico escolhido. Dada a alternativa de vínculo com o ensino, esperamos que este capítulo amplie os horizontes de professores de Português que apresentam resistência ou dificuldade em relação a como colocar a gramática a serviço do texto. Neste trabalho, em especial, esboçamos como colocar a morfologia a serviço do artigo de divulgação científica.

Portanto, a depender dos objetivos pedagógicos, recortes e escolhas precisam ser feitas. Em função disso, é crucial que o educador tenha um olhar crítico para que consiga ajustar essas questões e oferecer um ensino eficiente de Língua Portuguesa, ou melhor, um ensino integrado que contemple a tríade leitura, análise linguística e produção textual (GERALDI, 2011[1984]).

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BENTES, A. C. Gênero e ensino: algumas reflexões sobre a produção de materiais didáticos para a educação de jovens e adultos. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexão e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BEZERRA, M. A.; REINALDO, M. A. *Análise linguística: afinal a que se refere?* São Paulo: Cortez, 2013.
- BYBEE, J. *Morphology: the Relations Between Meaning and Form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1985.
- CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.
- GERALDI, J. W. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2011 [1984].
- GIERING, M. E. A divulgação científica midiática para crianças e os fins discursivos. *Revista do GEL*, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 181-195, 2008. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/141/121>. Acesso em: 06 fev. 2022.
- GIERING, M. E. Explicar temas científicos para crianças: regulações descendentes e ascendentes sobre a macroorganização do texto. *Revista Diadorim/ Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 10, Dezembro 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3938>. Acesso em: 27 jan. 2022.
- GOMES-SANTOS, S. N. et al. A contribuição da(s) teoria(s) do texto para o ensino. In: BENTES, A. C.; LEITE M. Q. (org.). *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 315-353.
- GONÇALVES, C. A. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.]
- GONÇALVES, C. A. Flexão e derivação: o grau. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, p. 149-168, 2013[2007].
- GONÇALVES, C. A. Flexão e derivação: propostas e problemas. *Cadernos Seminal*, 11 (1): 117-59, 2001.
- GONÇALVES, C. A. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.
- GONÇALVES, C. A. *Morfologia*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012[2009].
- LOPES-ROSSI, M. A. G. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexão e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

- LUPPI, S. E. *O gênero divulgação científica para crianças: alternativas para o ensino*, p. 1-20, 2007. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/612-4>. Acesso em: 21 jan. 2022.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, L. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- PAULIUKONIS, M. A. A questão do texto. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013[2007].
- OLIVEIRA, F. B. de. Por que os lagartos tomam sol? In: *Ciência Hoje das Crianças*, ano 18, n. 155, março 2005.
- SANTOS, L. W.; CUBA RICHE, R.; TEIXEIRA, C. S. *Análise e produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2012. (Coleção Linguagem & Ensino)
- SANTOS, L. W.; TEIXEIRA, C. S. Linguística Textual e ensino: panorama e perspectivas. In: CAPISTRANO JÚNIOR, R.; LINS, M. P. P.; ELIAS, V. M. (Orgs.). *Linguística Textual: diálogos interdisciplinares*, São Paulo: Labrador, 2017.
- SOUZA, E. R. F.; GONÇALVES, C. A. V. *Linguística Textual e Morfologia*. In: SOUZA, E. R. F.; PENHAVAL, E.; CINTRA, M. R. (Org.). *Linguística Textual: interfaces e delimitações*. São Paulo: Cortez, 2017, p. 144-188.
- VIVAS, V. M.; MORAIS, M. A. A Morfologia faz sentido: integração entre texto, leitura e análise morfológica. *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 23, n. 2, p. 550-568, jul.-dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/40798/0>. Acesso em: 14 dez. 2021.

MORPHOLOGICAL ANALYSIS OF THE SUFFIX -INHO AND ITS IMPLICATIONS IN THE TEXT

Abstract: *The general objective of this chapter is to promote a dialogue between Text Linguistics and Morphology, in order to explain the advantages that such an interface can bring to teaching. To this end, we will present some contributions from Text Linguistics that point to a reflective view of language, from a socio-interactionist bias (MARCUSCHI, 2008; KOCH; ELIAS, 2006). Then, in the field of Morphology (BASÍLIO, 2011; GONÇALVES, 2011, 2016, 2019), we will address the issue of degree, since the diminutive will be the morphological device to be analyzed. In this sense, we will start from the textual genre scientific dissemination article, aimed at children, that is, we will investigate the use of the diminutive in this genre. As a specific objective, we intend to verify how the morphological plan integrates with the communicative purposes of the genre in question. Methodologically, it is a bibliographic research of a qualitative nature that will be followed by a corpus analysis, namely: the article entitled “Why do lizards take the sun?”, taken from the printed magazine *Ciência Hoje das Crianças*. The result of the analysis indicates that the formative that expresses the gradation meaning was used with expressive purposes,*

Análise morfológica do sufixo -inho e suas implicações no texto

contributing to the construction of meaning at the textual level and ratifying studies already carried out on this issue. Such facts demonstrate the effectiveness of the study of morphological processes in a reflexive and discursive perspective and, simultaneously, illustrate how this link between Text Linguistics and Morphology contributes to the teaching of native language.

Key-words: *Text Linguistics, Textual Genre, Morphology, Degree, Teaching.*

Data de envio: 12/12/2021.

Aprovação: 10/07/2022.